

---

## **Jornalismo literário e podcast: uma análise da linguagem literária em *A Mulher da Casa Abandonada***<sup>1</sup>

Ayla Cristina Costa de Jesus SILVA<sup>2</sup>  
Samantha Orquelita de Oliveira BORGES<sup>3</sup>  
Unisociesc, Joinville, SC

### **RESUMO**

O presente artigo busca refletir sobre a relação entre o jornalismo literário e o podcast enquanto plataforma de áudio pertencente às novas mídias de comunicação digital. O objetivo será analisar a reportagem seriada em áudio “A Mulher da Casa Abandonada” à luz da linguagem literária, identificando nela características tanto narrativo-literárias quanto jornalísticas. Para compor a análise, serão abordados os conceitos de jornalismo literário, a linguagem radiofônica e as possibilidades do podcast, a partir de autores como Felipe Pena, Luiz Artur Ferraretto, entre outros.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jornalismo; Jornalismo Literário; Podcast; *A Mulher da Casa Abandonada*.

### **INTRODUÇÃO**

O principal objetivo deste trabalho é trazer à luz uma reflexão sobre o jornalismo literário e sua relação com as novas plataformas de mídia em áudio, os denominados podcasts, e como dessa relação se criam novas possibilidades para o fazer jornalístico. Visto que nos últimos anos o jornalismo tem se utilizado do espaço online dos podcasts para explorar novos formatos jornalísticos, será feita uma análise da série documental em podcast “A Mulher da Casa Abandonada”. O intuito será compreender os elementos que a compõem e esclarecer se a obra possui também valor literário, para além do jornalístico.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ01 – Jornalismo, da Intercom Júnior – XIX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

<sup>2</sup> Recém-graduada em Jornalismo pela Unisociesc – SC, e-mail: aylasilva.js@gmail.com.

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Professora dos cursos de Comunicação e Cinema e Audiovisual da Unisociesc - SC, e-mail: samantha.borges@unisociesc.com.br

---

Para isso, será feita uma tentativa de conceituar o Jornalismo Literário, contextualizar o a ascensão do rádio no Brasil, bem como delimitar suas características. Depois, será feita uma análise dos traços que distinguem o podcast como mídia e, por fim, uma análise de A Mulher da Casa Abandonada com base no conceito da Estrela de Sete Pontas, proposto pelo autor Felipe Pena.

### **1. Jornalismo literário: quando Jornalismo e Literatura se encontram**

Assim como o próprio Jornalismo, o conceito de Literatura é vasto e complexo, uma vez que a literatura possui uma tradição de pesquisa bem ampla e consolidada. Por isso, uma vez que os dois conceitos são flexíveis e transitórios, a tarefa de conceituar a junção de ambos, o jornalismo literário, se mostra bastante desafiadora:

Diante desse quadro, imagine o problema que é analisar a junção de dois discursos diferentes: o jornalístico e o literário. Ao longo da História, vários teóricos tentaram definir essa junção como um gênero específico. Entretanto, se o princípio básico é o da transformação e da transitoriedade, a missão torna-se impossível. Então, a única alternativa é propor uma aproximação conceitual, identificando subdivisões possíveis de acordo com o momento histórico. (PENA, 2006, p. 20)

O autor Felipe Pena (2006) afirma que diversos momentos de convergência entre ambos os discursos podem ser considerados como Jornalismo Literário, mas não deixa de dar sua própria opinião acerca das características que considera essenciais para que um texto apresente tanto valor literário quanto jornalístico:

Não se trata apenas de fugir das amarras da redação, ou de exercitar a veia literária em um livro-reportagem. O conceito é muito mais amplo, significa potencializar os recursos do Jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lead, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. No dia seguinte, o texto deve servir para algo mais do que simplesmente embrulhar um peixe na feira. (PENA, 2006, p. 13).

Para Pena, esse tipo de jornalista não é um profissional descolado do jornalismo comum do dia a dia de uma redação. Pelo contrário, ele aperfeiçoa sua escrita a partir das técnicas mais básicas.

A partir disso, percebe-se que a distinção que ele propõe entre jornalismo e jornalismo literário não busca meramente separar a objetividade da subjetividade, mas se trata de uma atitude do jornalista de ir além, imprimindo personalidade e profundidade em seu trabalho. De acordo com Pena, o jornalismo contemporâneo é tão marcado por estruturas fixas, a exemplo o lead e a pirâmide invertida, que aos jornalistas têm faltado

---

“criatividade, elegância e estilo. É preciso então fugir dessa fórmula e aplicar técnicas literárias de construção narrativa” (PENA, 2006,p. 15).

Para alguns autores, começa-se a pensar o jornalismo literário na segunda metade do século XIX, momento em que ocorre uma influência mútua entre os dois campos criando um fenômeno notável. Nesse período, os jornais contavam com uma parte reservada para veicular os romances dos que hoje conhecemos por “grandes escritores da literatura”.

Estamos falando justamente dos séculos XVIII e XIX, quando escritores de prestígio tomaram conta dos jornais e descobriram a força do novo espaço público. Não apenas comandando as redações, mas, principalmente, determinando a linguagem e o conteúdo dos jornais. E um de seus principais instrumentos foi o folhetim, um estilo discursivo que é a marca fundamental da confluência entre Jornalismo e Literatura (PENA, 2006, p. 28).

Pode-se afirmar que uma marca distintiva dessa época foi a similaridade entre o estilo de escrita dos jornais sendo, em parte, mimetizada pelos romances realistas. Esse cenário seria, então, uma das primeiras aparições do jornalismo literário, materializado na junção de ambos os discursos presentes no mesmo veículo enquanto seus estilos sofriam influência mútua.

Esse cenário foi se esvaindo aos poucos, resultando, décadas depois, em uma mudança no perfil da imprensa. Essa mudança culminou no surgimento de um novo movimento por parte dos jornalistas durante a década de 1960, nos Estados Unidos. Tratava-se de uma tentativa de remodelação do fazer jornalístico, pelo que ficou conhecido como “Novo Jornalismo” (*New Journalism*). Um dos seus principais expoentes foi o jornalista Tom Wolfe.

A ideia básica do Novo Jornalismo americano, ainda nas palavras de Wolfe, é evitar o aborrecido tom bege pálido dos relatórios que caracteriza a tal “imprensa objetiva”. Os repórteres devem seguir o caminho inverso e serem mais subjetivos. Não precisam ter a personalidade apagada e assumir a encarnação de um chato de pensamento prosaico e escravo do manual de redação. O texto deve ter valor estético, valendo-se sempre de técnicas literárias. (PENA, 2006, p. 54)

Ser, portanto, um jornalista literário, exigia um outro tipo de esforço. Era necessário deixar para trás o jornalismo puramente objetivo e distanciado. De acordo com o professor Felipe Pena, Tom Wolfe legou à iniciativa do Novo Jornalismo quatro técnicas básicas: “Reconstruir a história cena a cena; Registrar diálogos completos;

---

Apresentar as cenas pelos pontos de vista de diferentes personagens; Registrar hábitos, roupas, gestos e outras características simbólicas do personagem.

E, além de novos princípios para um novo jornalismo, alguns profissionais foram ainda mais longe. Com o intuito de viver cada experiência em vez de apenas observá-la ou investigá-la, os jornalistas da vertente Gonzo (uma variante do jornalismo literário), estavam dispostos a aceitar todo e qualquer desafio desde que rendesse uma boa matéria.

Não se procura um personagem para a história; o autor é o próprio personagem. Tudo que for narrado é a partir da visão do jornalista. Irreverência, sarcasmo, exageros e opinião também são características do Jornalismo Gonzo. Na verdade, a principal característica dessa vertente é escancarar a questão da impossível isenção jornalística tanto cobrada, elogiada e sonhada pelos manuais de redação. (PENA, 2006, p. 55-56)

A ideia é que, ao ler uma matéria de um profissional desta vertente, o público perceba a “existência” do próprio jornalista. Assim, o foco não é mais o texto imparcial e factual, que surge como espelho da realidade, mas ambos, o autor e sua obra são identificados.

Ainda nessa onda de renovar a profissão jornalística, existe um movimento mais recente que convencionou-se chamar de Novo Jornalismo Novo, ou *New New Journalism*. Este se mantém questionando a velha ordem do objetivismo e imparcialidade, mas segue por outro caminho, apontando que os jornalistas têm o poder de utilizar sua narrativa para construir e alterar a realidade. Dessa forma, foca-se no papel social da profissão, e em como ela pode contribuir para transformar o mundo.

Esses movimentos, apesar de suas diferentes formas de atuação, tiveram em comum o impulso por desconstruir o perfil do jornalista como um profissional que observa a realidade a distância, e não a altera. Sendo assim, o caminho fica livre para os conteúdos mais críticos, reflexivos, profundos, com responsabilidade social e mais originalidade estilística.

Com isso, conclui-se que, como definiu Pena, o jornalismo literário reúne elementos presentes em dois discursos diferentes, criando um terceiro conceito, que se mantém em constante transformação. Aliado a isso, o desenvolvimento tecnológico que permite o surgimento de novas mídias, como os suportes e plataformas digitais, faz com que formas inovadoras de produção jornalística possam surgir também, incluindo nesse contexto outras maneiras de produzir e fazer circular o jornalismo literário.

---

## 2. Jornalismo e literatura no rádio: das radionovelas ao podcast

Quando se fala em jornalismo literário, via de regra se remete à reportagem escrita, ao estilo magazine, por exemplo. Até se pensa em algumas grandes reportagens audiovisuais, lembrança muitas vezes sustentada por documentários. Porém, o jornalismo literário pode estar presente nas mais diferentes mídias: no impresso, na televisão, nos ambientes digitais e também no rádio. Para compreender a presença nesse último, é importante conhecer também um pouco de sua história. O rádio chegou ao Brasil nos anos 1920 e, durante os primeiros anos dessa nova mídia, o que predominou foram as associações que promoviam a radiodifusão, veiculando músicas eruditas e conteúdos voltados à cultura.

Nesse sentido, o rádio era visto como um meio de comunicação que podia promover educação, cultura e lazer. Porém, as propagandas de fato só começaram a se tornar mais frequentes nesse veículo durante a década seguinte, nos anos 1930, o que gerou uma mudança na forma de consumir os produtos radiofônicos.

A visão do rádio como um mercado e dos ouvintes enquanto público consumidor, possibilitou que houvesse programas de entretenimento que competiam entre si pela atenção dos ouvintes. No final dos anos 30, o rádio já se mostrava bem mais estruturado tanto no quesito mercadológico quanto na qualidade da programação. Esse contexto ocasionou o surgimento de programas maiores, tanto em questão de abrangência em território nacional, quanto em relevância para o público.

E é nessa época que surgem as radionovelas, sendo uma era marcada pelos programas de auditório e pelos programas humorísticos, criando espaço para uma abordagem mais teatral e ao mesmo tempo literária da mídia.

Desde os anos 30, histórias já eram dramatizadas ao microfone. Rádios como a paulista Record ou as cariocas Mayrink Veiga e Nacional possuíam os seus programas de radioteatro, mas o gênero começaria a ser um sucesso de grandes proporções apenas às 9h30 do dia 1º de junho de 1941, com a primeira radionovela transmitida no país. (BRITISH BROADCASTING CORPORATION. O rádio no Brasil. Londres: Serviço Brasileiro da BBC, 1988. Quarto programa da série apud FERRARETTO, 2007, p. 119)

As narrativas contemplavam histórias com finais felizes e recheadas de romance, características comuns do melodrama, um dos pilares dos romances literários. Um dos fatores que contribuíram para essas narrativas obterem sucesso foi o fato de serem, na

---

verdade, adaptações de obras literárias já conhecidas pelo público, o que as tornavam ainda mais populares. Assim, essas adaptações estreitaram os laços entre a comunicação radiofônica e a literatura, mostrando que qualquer mídia pode dar espaço à linguagem literária.

Com isso, ao longo da década de 40, as radionovelas foram se tornando um sucesso, na medida em que as pessoas paravam todas as suas atividades para ouvir o capítulo do dia.

Quando da apresentação dos capítulos de *O direito de nascer*, a Rádio Nacional, do Rio de Janeiro, era absoluta em termos de audiência. e naquele horário, os cinemas, os teatros e os outros meios de entretenimento ficavam vazios, as ruas como por encanto silenciavam e ninguém perambulava por elas... Era um horário religioso... (REYNALDO TAVARES apud FERRARETTO, 2007, p. 120)

Ao lado disso, os shows humorísticos também consolidaram o potencial teatral da plataforma, mas obviamente puxando para a veia cômica.

Já no que tange à esfera jornalística no rádio brasileiro, ela se desenvolveu também na década de 40, devido aos acontecimentos da Segunda Guerra Mundial e a crescente necessidade de informação sobre o assunto. Nesse contexto, surgiram os radiojornais, dos quais se destacam o *Repórter Esso* e o *Grande Jornal Falado Tupi*, com estruturas semelhantes.

Mas a maior contribuição do *Esso* foi a introdução no Brasil de um modelo de texto linear, direto, corrido e sem adjetivações, apresentado em um noticiário ágil e estruturado. (FERRARETTO, 2007, p. 127)

Com isso, temos que o rádio, como meio de comunicação inovador, inaugurou um novo tipo de consumo do público. A partir desse veículo, os ouvintes puderam ter acesso a diversos tipos de conteúdos, incluindo arte, música e jornalismo, dentro de uma programação fixa e acessível até as localidades mais distantes da emissora.

As ondas curtas, que possibilitaram alcance nacional do rádio, e o estilo de linguagem mais próximo do ouvinte, fizeram do rádio um fenômeno de sucesso, marcando uma época. Os programas jornalísticos, especialmente, se consolidaram com uma linguagem mais direta, com notícias rápidas e marcadas pelo imediatismo dos acontecimentos.

---

É fato que, à época, esse veículo abriu espaço para o nascimento de novos formatos de comunicação, muitos dos quais persistem até os dias atuais. Assim, pode-se dizer que há uma linguagem radiofônica já consolidada. No entanto, assim como todo veículo, o rádio apresenta limitações que outras mídias podem vir a transpor.

Esse é o caso do podcast, igualmente uma mídia sonora, mas que oferece novas possibilidades de produção e consumo de conteúdos, com novos e variados gêneros, muito mais flexíveis e criativos do que a estrutura radiofônica permitia.

Nesse sentido, os conteúdos literários e jornalísticos ficam mais livres de estruturas prontas e podem explorar novos formatos, inclusive convergindo em reportagens que têm tanto qualidade de informação quanto riqueza narrativa.

### **3. O radiojornalismo contemporâneo: as possibilidades do podcast**

O podcast, como já mencionado, é uma plataforma de comunicação própria do ambiente virtual. De acordo com Temer e Falcão (2019), é possível defini-lo enquanto “uma mídia sonora distribuída e consumida por meio da internet, que não exige altos custos de produção, que divide seu conteúdo por episódios temáticos e que possui periodicidade” (FALCÃO e TEMER, 2019, p. 01).

Sendo assim, apesar de o podcast ser um veículo que possui características em comum com o rádio, cria uma nova lógica de produção e recepção de conteúdos por estar inserido em um contexto virtual.

Se a principal vantagem do rádio, conforme Meditsch (2001), é o fato de que ele não exige atenção total e possibilita que o ouvinte realize outras tarefas enquanto ouve notícias, o podcast potencializa essa vantagem ao permitir que o ouvinte não apenas consuma a programação geral, mas escolha o que quer ouvir, na hora que quiser, otimizando o tempo à sua necessidade do momento. (FALCÃO e TEMER, 2019, p. 2)

Em outras palavras, o podcast apresenta vantagens em relação ao rádio por seu conteúdo não estar inserido em uma programação rotineira e engessada, mas ficar disponível para o ouvinte consumir a qualquer momento. Sendo assim, o ouvinte é quem cria sua própria programação, ganhando flexibilidade e praticidade. Temer e Falcão ainda pontuam mais características da produção de conteúdo em formato podcast:

Ao contrário do que ocorre no rádio, a distribuição não se restringe à localidade, mas torna-se global, conquanto haja inclusão digital. A flexibilidade de tempo, a liberdade na linguagem e a divisão por



---

episódios também devem ser destacadas (FALCÃO e TEMER, 2019, p. 3)

Tendo essas características, o podcast enquanto plataforma abre espaço para que novas linguagens sejam criadas ou mesmo reaccessadas, Isso significa que o jornalismo, pode e precisa se reinventar para criar um conteúdo dinâmico e adequado aos ouvintes atuais e hiperconectados.

Para além do imediatismo, o podcast estabelece uma nova relação de tempo com quem o consome. Embora seja impossível falar em um descarte do agora, já que a atualidade, como vimos, pode ter diferentes dimensões, a prioridade passa a ser outra: a capacidade de se encaixar no tempo do receptor. É inegável que o podcast chega para dar novo fôlego ao jornalismo ao explorar o potencial da mídia sonora no ambiente online (FALCÃO e TEMER, 2019, p. 10).

Tendo isso em vista, o podcast enquanto plataforma é uma ferramenta que consegue abrigar diversos gêneros, trazendo versatilidade e novas possibilidades de comunicação, inclusive para o conteúdo jornalístico.

Entrevista, mesa redonda, debate, reportagem, análise, jornalismo especializado, prestação de serviço, divulgação científica, boletim, editorial, comentário – todos esses formatos fariam parte deste novo gênero e suas características não deixariam dúvidas de que se trata de podcast. (FALCÃO e TEMER, 2019, p. 12).

Dentro dessa possibilidade de formatos, *A Mulher da Casa Abandonada*, do jornal Folha de São Paulo, conduzido por Chico Felitti, se apresenta como uma narrativa documental em série, que faz parte da esfera dos podcasts jornalísticos.

A narrativa, de sete episódios, conta a história de uma mulher misteriosa que mora em uma mansão mal cuidada em Higienópolis, um dos bairros mais caros de São Paulo. A narrativa propõe uma abordagem literária, remontando um pouco a estrutura das radionovelas, com personagens, narrador, momentos de clímax, trilha sonora etc.

Pode-se dizer que *A Mulher da Casa Abandonada* é um conteúdo em áudio, que também faz parte dessa nova lógica de produção e consumo do jornalismo no meio digital, e sua construção estilística é fruto disso.

#### **4. Elementos do jornalismo literário em podcast: análise de *A mulher da casa abandonada***

Como já mencionado anteriormente, o jornalismo literário pode assumir diversas formas e ser distribuído em diferentes plataformas. Nesse sentido, a publicação do podcast *A Mulher da Casa Abandonada* traz à luz questionamentos sobre se esse material



---

pode ser considerado, de fato, um texto com características de jornalismo literário adaptadas a uma mídia sonora.

De acordo com o pesquisador e professor Felipe Pena, os critérios para identificar um conteúdo de jornalismo literário formam o que o autor chama de “Estrela de sete pontas”. Essa estrela seria composta por: 1) potencialização dos recursos do jornalismo; 2) Ultrapassagem dos limites dos acontecimentos cotidianos; 3) Proporcionamento de visões amplas da realidade; 4) Exercício pleno da cidadania; 5) Rompimento das barreiras burocráticas do lead; 6) Evitamento dos definidores primários; 7) Garantia de perenidade e profundidade aos relatos.

O podcast aqui proposto para análise, *A mulher da casa abandonada*, de Chico Felitti, poderia, aparentemente, se encaixar em todos esses parâmetros, mas para simplificar a análise dentro da proposta do trabalho aqui desenvolvido, irei focar apenas nos aspectos de números 2, 5 e 7.

O primeiro episódio de *A Mulher da Casa Abandonada* foi lançado em 8 de junho de 2022, tendo a sequência de 7 episódios finalizada no dia 26 de julho. O podcast gira em torno da história de Margarida Bonetti, uma brasileira acusada de ter mantido uma trabalhadora doméstica em regime análogo à escravidão, durante o período em que morou com o marido nos Estados Unidos entre os anos 1970 e 2000.

A senhora investigada se apresentava há anos apenas como Mari, e começou a chamar atenção por morar em uma mansão caindo aos pedaços no bairro Higienópolis, um dos mais elitizados de São Paulo. Ela conseguiu escapar da justiça americana e brasileira se refugiando na casa, mal saindo dela, ignorando os vizinhos e, principalmente, escondendo o rosto com uma camada espessa de pomada branca.

O jornalista Chico Felitti, então, investiga o acontecimento a partir de pesquisas, entrevistas com os moradores do bairro e uma viagem a Washington, a fim de contar a história pelos mais variados ângulos. No primeiro episódio, Felitti conhece Margarida e ouve os primeiros boatos sobre o crime que ela teria cometido. No segundo, a vizinhança da mansão relata o que conhece da mulher e conta histórias sobre a casa. No terceiro episódio, o narrador vai aos Estados Unidos visitar o local do crime e procurar por informações com os moradores locais. No quarto, Felitti consegue descobrir o paradeiro do marido de Margarida, além de entrevistar a amiga da vítima, que a ajudou a escapar, e

---

a própria vítima. Já os episódios finais, abordam outros casos parecidos e também apresentam o ponto de vista da acusada.

Apenas pela descrição do conteúdo já é notório que a reportagem se propõe a ser profunda, detalhada e impactante, mas irei mapear as características que, de acordo, com Felipe Pena, fazem desse produto jornalístico, um produto literário ao mesmo tempo.

O primeiro aspecto a ser levado em conta é a ultrapassagem dos limites dos acontecimentos cotidianos. Pena define que essa “ponta da estrela” significa que o jornalista não deve se ater aos acontecimentos da atualidade, que precisa se libertar do imediatismo e da novidade, critérios comuns de noticiabilidade do jornalismo factual:

Ele não está mais enjaulado pelo deadline, a famosa hora de fechamento do jornal ou da revista, quando inevitavelmente deve entregar sua reportagem. E nem se preocupa com a novidade, ou seja, com o desejo do leitor em consumir os fatos que aconteceram no espaço de tempo mais imediato possível (PENA, 2006, p. 14).

*A Mulher da Casa Abandonada* se encaixa nessa descrição uma vez que o fato que dá origem a reportagem aconteceu há mais de 40 anos. O assunto remete à história de um Brasil de escravidão e mostra que, apesar do tempo transcorrido, a mentalidade escravocrata permanece até à atualidade. Portanto, pode-se dizer que o caso isolado do crime de Bonetti não é atual, mas através dessa reportagem, muitas outras denúncias de pessoas sendo mantidas em condição análoga à escravidão podem começar a surgir.

É justamente isso que Pena enfatiza quando afirma que esse tipo de jornalismo exige profundidade, que “uma obra baseada nos preceitos do jornalismo literário não pode ser efêmera ou superficial” (PENA, 2006, p. 15). Nesse sentido, ela deve ecoar por bastante tempo, afetando o imaginário das pessoas e contribuindo com uma visão mais ampla da sociedade.

O segundo aspecto a ser analisado é o rompimento da estrutura do lead jornalístico, recurso difundido pela imprensa americana no século XX, com o intuito de trazer objetividade e imparcialidade ao jornalismo, conceitos hoje bastante discutíveis.

Segundo Walter Lippman, autor do célebre *Public Opinion* (1922), tal estratégia possibilitaria uma certa cientificidade nas páginas dos jornais, amenizando a influência da subjetividade por meio de um recurso muito simples. Logo no primeiro parágrafo de uma reportagem, o texto deveria responder a seis questões básicas: Quem? O quê? Como? Onde? Quando? Por quê? A fórmula realmente tornou a imprensa mais ágil e menos prolixa, embora a subjetividade não tenha diminuído. A opinião ostensiva foi apenas substituída por aspas

---

previamente definidas e dissimuladas no interior da fórmula. (PENA, 2006, p. 15).

Diante desse contexto, um conteúdo de jornalismo literário deveria se apartar o tanto possível dessa estrutura útil, porém engessada, a fim de trazer personalidade e originalidade ao texto. É justamente isso que Chico Felitti traz durante todos os episódios de *A Mulher da Casa Abandonada*. Nos primeiros dois minutos da obra, o jornalista apresenta uma narrativa bastante parecida com inícios de romances, que utiliza a descrição física dos espaços e as impressões causadas por ela:

“Eu tô andando por ruas com nomes de estados, passo pela rua Rio de Janeiro, na frente do prédio em que Jô Soares e Adriane Galisteu eram vizinhos até alguns anos atrás. Cruzo, na rua Maranhão, com um condomínio de apartamentos onde morava o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso. Passo na frente da FAAP, uma faculdade que tem prédios imitando templos gregos e que cobra R\$3.500 reais de mensalidade para o curso de administração. É uma manhã de sol e céu azul. No dia vinte e três de dezembro de 2021, a dois dias do natal, a riqueza paulistana está em paz. As ruas estão vazias, a cidade já está com clima de férias, quem pode sair de São Paulo, saiu. Ficaram poucas pessoas no bairro, como eu”. (A Mulher da Casa Abandonada, 2022, episódio 1 “A Mulher”)

A partir desse trecho, já é possível perceber que o jornalista se coloca na posição de narrador e conta, a partir de seu ponto de vista, os acontecimentos que se desenrolam durante as entrevistas e a apuração. Felitti, em vez de se ausentar da história, buscando objetividade e distanciamento, opta por deixar que o ouvinte perceba sua presença construindo e vivendo aquela história.

Diferentemente de um lead, ele começa contando uma experiência pessoal, descrevendo o ambiente e fazendo questão de mostrar que também é um personagem da trama. Não é uma introdução que explica sucintamente o arco e o desfecho da história, não se trata de um resumo simplificado do que virá a acontecer. O autor deseja envolver o ouvinte na experiência que ele mesmo teve.

Por último, há que se avaliar a “sétima ponta da estrela”, que consiste na profundidade do conteúdo.

Não se trata da dicotomia ficção ou verdade, mas sim de uma verossimilhança possível. Não se trata da oposição entre informar ou entreter, mas sim de uma atitude narrativa em que ambos estão misturados. Não se trata nem de Jornalismo, nem de Literatura, mas sim de melodia. (PENA, 2006, p. 21).

---

Em outras palavras, o conteúdo jornalístico deve sair da superficialidade. É necessário que a apuração contemple os mais variados pontos de vista e que o jornalista consiga relacionar o acontecimento com outras situações do cotidiano. Além disso, é preciso que a narrativa consiga envolver o público, fazendo-o imergir na história com personagens reais e verossímeis. Dito isso, *A Mulher da Casa Abandonada* se mostra uma reportagem profunda por abordar diversos tipos de fontes, dando-lhes espaço e tempo para compartilhar suas impressões, apresentar pesquisa e apuração extensas, além de ricos elementos narrativos como ambientação, construção de personagens, trilha sonora, etc.

No segundo episódio, por exemplo, Chico Felitti colhe relatos de vizinhos que já têm ou tiveram interações com Margarida Bonetti. Ele entrevista tanto pessoas que repudiam totalmente a senhora e buscam evitar contato com ela, quanto um porteiro que mantém uma relação neutra com a vizinha, ajudando-a sempre que é preciso, e conversando com ela vez ou outra.

Além disso, a série contém a própria versão de Margarida sobre os fatos, gerando um conteúdo muito rico, que vai além de demonstrar um panorama raso de uma criminosa foragida e misteriosa. Em vez disso, o podcast reflete uma visão mais abrangente da situação, formando uma pintura complexa e recheada de nuances. Por último, temos que toda essa obra sonora vem na forma de uma narrativa que relembra as dramatizações feitas à época das radionovelas:

Mari Muradas começou a conversar com a vizinhança, como eu tô fazendo em 2022. Ouviu de um vizinho, já idoso, que ele conheceu o pai de Margarida, um médico respeitado. Ele frequentou a casa, quando ela ainda não era abandonada. De outra vizinha, ela ouviu que brincou na rua com Margarida e as duas irmãs dela. A cada vizinho com quem ela conversava, vinham novas informações:

- Tanto que ela conta, uma vez eu perguntei para a Vânia “nossa, e essa mulher louca?”, e ela falou “nossa, a gente brincou tanto aqui na rua, a gente conviveu muito e ela se transformou nisso”.

Informações de como a família dona da casa já foi a mais afluente da região, muito ricos mesmo, muito mais do que eu poderia imaginar.

-Trilha sonora de suspense-

(*A Mulher da Casa Abandonada*, 2022, episódio 2 “A Casa”)

Aqui, os trechos de gravações dos entrevistados aparecem na narrativa como falas de personagens, isso porque o autor realmente buscou construir uma narrativa em torno das fontes, que humaniza e caracteriza essas pessoas da mesma maneira que em um romance. Existe todo um esforço de descrição das feições da pessoa, primeiras

impressões, atitudes e linguagem corporal a fim de retratar com verossimilhança a experiência do jornalista, enriquecer o imaginário do ouvinte e fazê-lo ter uma relação mais próxima com a história.

Faz quase quatro décadas que Francisco tá ali, no mesmo lugar, oito horas por dia durante a semana, olhando para os fundos da casa abandonada.

- Trinta e oito anos.
- Sempre no Louveira?
- Sempre no Louveira, entrei em 1º de fevereiro de 84.
- Posso ser indelicado e perguntar quantos anos você tinha?
- Eu tinha dezoito anos e meio, hoje eu tô com cinquenta e seis e meio.

Mas não há quem diga. O cabelo dele é preto, o sorriso é branco e o jeito é de muleque, não de alguém com quase sessenta anos. Mas a memória do Francisco prova que ele tá ali, de fato, há quase quarenta anos, porque ele conheceu a casa abandonada antes do abandono, quando era a casa de uma família rica (A Mulher da Casa Abandonada, 2022, episódio 2 “A Casa”)

Como é possível perceber, pelo excerto, uma outra característica presente na série, e que é possibilitada pelo recurso de áudio, é justamente a oralidade. Diferentemente de um texto escrito, no qual o jornalista geralmente procura encaixar as falas na norma padrão da língua, no podcast se tem acesso direto à fala da fonte. Esse recurso dentro do estilo narrativo que o autor construiu traz ainda mais personalidade e fidelidade ao relato.

Ainda, temos a questão da ambientação, técnica que ajuda o ouvinte a se preparar e ficar em expectativa sobre o que ele está prestes a escutar. Para isso, são utilizados tanto a narração falada quanto trilhas que reproduzem os sons do ambiente retratado, de forma que o público sinta que está acompanhando a história simultaneamente ao narrador.

Dentro desse aspecto, a trilha sonora enriquece a narrativa servindo como um recurso de imersão, de comprovação dos fatos narrados, e, também uma forma de criar emoção. Em um dos momentos mais marcantes da série, depois de o público ter escutado, da amiga da vítima, toda a história de tortura que ela havia passado, Felitti consegue uma ligação telefônica para falar diretamente com a ex-empregada, já idosa.

Sabe quem daria muita risada disso?

Eu pergunto “Quem?”, ela responde dizendo o nome da amiga brasileira e propõe de ligar pra ela. Pergunta se eu quero falar, eu digo que sim, que seria um prazer. Ela vai até a cozinha e some por alguns minutos, volta com um telefone sem fio do tamanho de um tijolo branco já no ouvido. Passa pra mim, e tem alguém do outro lado da linha.

Trilha instrumental no piano -

---

Silêncio -

Dona ..., eu tô fazendo uma série sobre a Margarida, eu encontrei a Margarida em São Paulo.

A mulher fica em silêncio enquanto eu explico que sei onde tá a Margarida, a pessoa que lhe agrediu por anos. (A Mulher da Casa Abandonada, 2022, episódio 4 “Uma Mulher e Um Homem Livres”)

Essa possibilidade dinâmica de narração atrelada a todos os recursos que uma mídia sonora pode proporcionar é o que faz do podcast uma plataforma tão versátil, capaz de absorver diversos gêneros. Além disso, é a junção de todas as técnicas e elementos presentes nessa série documental que contribuem para que *A Mulher da Casa Abandonada* seja considerado um podcast tanto jornalístico quanto literário. Assim, como foi possível observar na análise, o podcast de Felitti apresenta diversos elementos do que podemos determinar como jornalismo literário, demonstrando, dessa forma, que o gênero pode ser bastante explorado em novas plataformas digitais.

## Conclusão

Jornalismo e literatura são áreas que não possuem um conceito fechado, mas suas teorias e aplicações se adaptam conforme o período e o local em que são empregadas. Apesar disso, ambas as áreas se influenciaram mutuamente ao longo da história, e em determinados momentos se uniram, ocasionando o surgimento de novo conceito, a que denomina-se jornalismo literário. Este, por sua vez, não tem como possuir uma definição única, justamente por sua natureza transitória, de constante transformação. Nesse sentido, o que é possível é apenas observar a consolidação de movimentos que buscaram contrapor os ideais jornalísticos de objetividade, imparcialidade e isenção, em detrimento de uma nova visão do papel do jornalista.

Quanto aos meios de comunicação, é evidente que o rádio, por ser a primeira mídia de massas exclusivamente sonora, criou o padrão de estruturação de textos para o jornalismo nele veiculado. Isto é, características como agilidade da notícia, imediatismo, linguagem direta e objetiva fazem parte da lógica de produção e consumo do jornalismo no rádio. Porém, olhando pela perspectiva dos programas de entretenimento no rádio, esse meio se mostrou capaz de absorver diversos outros gêneros como os programas de humor, de auditório, e as radionovelas, sendo estas últimas, as que abordaram um estilo e linguagem mais próximos da literatura nessa plataforma.

Diante desse contexto, quando surge o podcast, enquanto mídia sonora pertencente à lógica da internet, a produção e recepção dos conteúdos se modifica. Isto

porque o podcast é uma mídia que permite ao ouvinte consumir o conteúdo na hora que desejar e quantas vezes quiser, não dependendo de horário fixo na programação como é o caso do rádio. Além disso, o podcast tem a capacidade de chegar a todos os locais com acesso à internet, tendo caráter global. Essas características, então, permitem que os conteúdos jornalísticos explorem outros estilos narrativos, diferente daquele modelo predominante no radiojornalismo noticioso. Abre-se, assim, espaço para grandes reportagens em áudio, entrevistas, mesas redondas, etc.

Nesse sentido, *A Mulher da Casa Abandonada*, de Chico Felitti, se apresenta como um desses novos terrenos contemporaneamente explorados dentro do jornalismo em áudio. Além disso, a partir da definição de Felipe Pena sobre as características do Jornalismo Literário, é possível observar que o podcast da Folha de São Paulo constitui uma reportagem em profundidade, que se vale de um estilo muito próximo da literatura para construir sua narrativa. A partir da análise de trechos da obra, evidenciou-se a presença de elementos como narrador, ambientação, construção de personagens, divisão em cenas e episódios, itens que remetem a um romance. A conclusão da pesquisa, nesse sentido, é de que o podcast pode ser um terreno fértil para um jornalismo mais livre e flexível, de discurso mais humanizado e aprofundado, promovendo assim uma experiência mais reflexiva para seu ouvinte.

## REFERÊNCIAS

FELITTI, Chico. **A Mulher da Casa Abandonada**. In.: Folha de S. Paulo. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=YsgkO39\\_MiY&list=PLEU7Upkdqe7Gy\\_dR5-4-4Sx28T3499XUF](https://www.youtube.com/watch?v=YsgkO39_MiY&list=PLEU7Upkdqe7Gy_dR5-4-4Sx28T3499XUF) Acesso em: outubro, novembro e dezembro de 2022.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio - O veículo, a história e a técnica**. 3. ed. Porto Alegre: Doravante, 2007.

PENA, Felipe; **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa; FALCÃO, Bárbara Mendes; **O podcast como gênero jornalístico**. Goiás: Universidade Federal de Goiás. Intercom - 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Belém - PA – 2 a 7/09/2019.